

O EDITORIALISMO PROGRAMÁTICO DE VANGUARDA DE MARIÁTEGUI

Carmen Susana Tornquist

Resumo

Esta comunicação parte da idéia de que o pensamento de Jose Carlos Mariátegui segue sendo uma das referencias necessárias para se pensar em um projeto de transformação radical da América latina. Neste sentido, traz um dos diversos aspectos que estão presentes em sua obra e em sua práxis como periodista. Situa-se Mariátegui no contexto do editorialismo programático de vanguarda, que foi, no inicio do século XX, um importante espaço de divulgação de experiências revolucionárias, de propostas de renovação estéticas e de sociabilidades de orientação socialista. Para tanto, analisa-se a experiência da revista *Clarté*, publicada na França entre os anos de 1919 e 1928, primeiramente com a coordenação de Henri Barbusse. E reconhecida como uma das influências principais na formação marxista de Mariátegui. Apresenta-se, também, uma caracterização da revista *Amauta*, publicada no Peru entre 1926 e 1930, e que expressa a originalidade do pensamento de Mariátegui em termos de organização da cultura e de construção de uma teoria revolucionária capaz de considerar, a sua altura, a especificidade latino americana.

Palavras-Chaves: Mariátegui - Amauta- editorialismo programático de vanguarda

Considerando a temática destas Jornadas Bolivarianas, que tem como tema a questão da revolução e do marxismo na América latina, gostaria de compartilhar com vocês um debate que, para além de sua importância na história do pensamento social latino-americano, segue sendo atual: o papel do periodismo na construção de um projeto revolucionário. Meu objetivo é apresentar a proposta de Mariátegui, expressa sobretudo na proposta da Libreria Minerva, e na revista Amauta. Mas isto não poderia acontecer sem antes compartilhar o que entendo como periodismo programático de vanguarda e, também, com o risco de ser redundante para alguns, um pouco da trajetória deste que é considerado o primeiro marxista latino-americano, passando, rapidamente, pelo seu conhecido “exílio” na Europa. Destacerei, não sem antes explicar porque, a ênfase no seu contato com o grupo(e revista) Clarté, através da figura de Henri Barbusse.

É relativamente conhecida a importância de Mariátegui na teoria marxista latino americana (e também em outras perspectivas que rechaçam o eurocentrismo). Como acentua Michael Lowy, Mariátegui conseguiu escapar da persistente polaridade teórica entre eurocentrismo e excepcionalismo latino americano (Lowy, 2001, p. 13), fazendo uma adaptação crítica do marxismo à realidade latino-americana. Este autor considera que:

“A tentativa de renovação revolucionária do marxismo, apesar de seus excessos voluntaristas, permite à Mariátegui libertar-se do evolucionismo stalinista, com sua versão rígida e determinista da sucessão das etapas históricas, que o Comintern do fim dos anos 20 estava começando a disseminar por toda a América latina” (Löwy, 2006:19)

Daí viria, seguindo a proposta de Lowy, a centralidade de Mariátegui na criação do marxismo latino-americano, a quem se atribui uma espécie de “paternidade” (Pericás, 2010). Muitos autores caracterizam sua obra, ainda, como um marxismo heterodoxo e “aberto” (Bruckman, 2012) e atribuem esta dinamicidade (e atualidade) à colocação em prática do método dialético, ou seja, o uso adequado (neste sentido, ortodoxo) do método de análise marxista para pensar as especificidades nacionais (ou regional e local), entre as quais a necessidade de problematizar a questão indígena e colocá-la no centro de um projeto socialista.

Acentuo aqui a idéia de heterodoxia, pois ela vai aparecer na trajetória de Mariátegui – sobretudo nos círculos marxistas ou progressistas de sua época, e os que sucederam sua morte – como categoria de acusação, ao passo que, para muitos dos seus apreciadores e seguidores confessos, é justamente por este motivo que sua obra permanece atual.

Editorialismo programático de vanguarda

A socióloga argentina Fernanda Beigel¹ chama de *editorialismo programático de vanguarda* o conjunto de trabalhos editoriais que foram desenvolvidos, no início do século passado, e que tiveram como propósito fazer o que Gramsci chamaria de “organização da cultura”, ou seja, serem espaços públicos de ampla divulgação no qual

¹ BEIGEL, Fernanda. El itinerario y la brújula. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2003.

se expressavam debates sobre diferentes temas da vida econômica, social e artística, pautados por uma propostas vanguardistas e socialistas.

As inovações tecnológicas ocorridas já no final do século XIX teriam permitido, do ponto de vista técnico-científico, a editoração e a impressão de revistas, boletins e jornais, com possibilidades gráficas de reprodução das obras de arte, que forma muito bem aproveitadas por editores latino americanas. *Amauta*, *La Sierra*, *Boletín Tititkaka*, no Peru, *Repertorio americano*, na Costa Rica, *O homem do povo*, no Brasil, *Martin Fierro*, *Babel*, *La revista de filosofía*, *Claridad*, na Argentina, seriam alguns exemplos deste processo (Beigel, 2003b:108). As primeiras décadas do século XX seriam, assim, um marco importante, pois nelas uma profusão de revistas culturais foi colocada em cena, ampliando o acesso à arte, à cultura e ao debate político. E junto a este processo, observa-se a constituição de um campo editorial identificado com perspectivas anti-capitalistas, socialistas e anarquistas.

Utilizo assim, a partir daqui, a proposição de Fernanda Beigel:

Nuestra “bisagra” se desarrolló en la disputa entre el orden oligárquico y una nueva sensibilidad, que tendía a identificar-se en un principio con bastante ambigüedad – con los sujetos emergentes y los proyectos sociales que se materializan en revistas culturales, asociaciones gremiales y los primeros partidos de masas durante la década del 20”. El concepto de vanguardia que construimos en ese trabajo se liga de ese modo a la tradición del materialismo cultural en el sentido que diferencia las rupturas formales respecto a las prácticas que se desarrollaron en un terreno estético-político y promovieran proyectos que trascendieran el gesto iconoclasta para dirigirse a desplazar el orden oligárquico. (Beigel, 2003a:33)

É importante destacar, como se nota na citação acima, a centralidade da dimensão estética, bem como a idéia de que uma nova moral e uma nova sensibilidade deveria ser gestada, junto a processos de transformação econômica e política mais amplos. A experiência de *Amauta* (*foco deste trabalho*) e de *Clarté* (*também aqui referido*) serão exemplos paradigmáticos deste tipo de periodismo. Fernanda Beigel acentua também, a importância do caráter coletivo destes projetos editoriais, ao redor do qual orbitaram vários intelectuais. A presença de diversos pontos de vista e de perspectivas heterogêneas sobre assuntos similares (através de polemicas, como veremos ao final do artigo) será comum nestes periódicos (e entre eles).

O caráter eclético, que esteve presente em criticas feitas a sua época não deve, portanto, ser descontextualizado desta perspectiva, e nos deteremos depois, tendo por

foco o caso de Amauta, neste ponto, pois ele nos parece chave para pensarmos no papel que o editorialismo programático pode ter – ainda hoje, em condições técnicas – na construção da teoria e de um projeto revolucionário.²

As influências européias³ sobre Mariátegui

Como sabemos, Mariátegui iniciou sua carreira intelectual como jornalista e como poeta, tendo trabalhado nos jornais *limenhos El tiempo* e *Nuestra época*, entre os anos de 1915 e 1919, transferidas para a Europa, onde também dedicou-se a escrever artigos para periódicos de seu país natal. Sua vocação jornalística esteve indissociavelmente ligada ao projeto de organização da cultura e de ativismo político que entabulou desde seu retorno à América, em 1922, embebida da idéia de que o socialismo americano não poderia ser *ni calco ni copia* do socialismo europeu, um ponto crucial que explica a atualidade de seu pensamento. É importante destacar a famosa frase de Mariátegui acerca da descoberta de sua americanidade, em solo europeu, ao mesmo tempo em que percebe a necessidade de aliar os avanços civilizatórios de toda a ordem – independente de sua origem – com as especificidades nacionais ou regionais.

Sabemos também que Mariátegui escreveu poucos livros, sendo o segundo deles, “*Los siete ensayos de interpretación sobre la realidad peruana*”, que justamente agora comemora seus 90 anos de aparecimento. Não obstante a importância dos *Sete Ensaios*, e de seu impacto (tardio, aliás) no pensamento latino americano, a maior parte de sua proposta teórica e política está presente em seus artigos, publicados em vários periódicos e compilados, mais recentemente. Mas está presente também, de forma muito contundente, nas duas teses que ele enviou ao I Congresso da Internacional Comunista, realizado na Argentina, em 1929. Uma delas intitulou-se *Punto de vista Anti-imperialista*, no qual Mariátegui discorda das teses que justificavam alianças com supostos setores nacionalistas das burguesias latino-americanas para compor frentes anti-imperialistas, e *El problema de las razas en latinoamerica*, no qual trabalha com o mesmo argumento exposto nos *Sete ensaios* e

² Os conflitos internos à revista *Clarté*, por muito tempo, estiveram relacionados a este aspecto, e tiveram Henri Barbusse situado no centro desta polêmica, mas não abordaremos este tema, aqui.

³ Utilizo a noção de influência, aqui no sentido que lhe dá Robert Paris, ao analisar a relação entre Mariátegui e Sorel, ou seja, como escolha consciente e não como a princípio a palavra parece indicar, absorção osmótica e não-reflexiva de determinadas ideias ou autores (Paris, 1978)

em outros textos sobre o problema indígena, referente à especificidade latino americana. Estas teses, apresentadas por companheiros do Partido Socialista peruano, recém criado, foram rechaçadas pelos participantes do congresso, e durante décadas, obscurecidas nos meios marxistas ligados aos partidos comunistas. A história deste “obscurecimento” é bastante longa, e não é possível apresentá-la aqui, mas há trabalhos importantes que detalham todo este processo, como os de Silvana Ferreyra(2009), e de Michael Lowy(2001), entre os mais recentes. Ele envolve, infelizmente, o próprio desconhecimento atual de Mariátegui no Brasil (Pericás, 2010).

Não obstante a importância destas teses e do sua obra seminal(Os Sete Ensaaios...) pode-se considerar que Amauta foi a expressão mais elaborada do projeto editorial(e político) de Mariátegui. O projeto de revista, avesso a perspectivas doutrinárias que, inclusive, foi alvo de debates a sua época, como veremos depois, não pode ser vista separada das demais publicações nas quais estava envolvido,em especial, Labor (revista da Central de trabalhadores peruanos-CGTP), bem como a participação nas Universidades Populares González Prada e da revista Claridad, a estas vinculada, à participação na CGTP, no partido socialista peruano, dos quais decorre, inclusive, a participação no Congresso da Internacional, acima referido.Isto sem falar nas tertúlias realizadas em sua própria casa, que converteram-se, rapidamente, em um espaço diuturno de debate e de produção teórica, coletiva, com forte repercussão na elaboração das teses mais importante que o autor elaborou.⁴ O fio condutor de suas reflexões e de sua práxis atravessa todo este percurso, mesmo considerando a parte de sua obra que ele próprio gostaria de desconsiderar, e que chamava de “idade da pedra”.

Estudiosos da obra de Jose Carlos Mariátegui consideram que as principais influências que recebeu em seu processo de formação marxista ocorreram na Itália, país no qual efetivamente morou entre os anos de 1919 e 1922.⁵Já as relações entre Gramsci e Mariátegui são bastante frágeis, tendo os dois se conhecido provavelmente em apenas uma ocasião(porem, nada menos do que no congresso de fundação do PCI),

⁴ Chang Rodriguez relata, em detalhes, algumas das conversas travadas entre Mariátegui, no início de 1928, entre os indigenistas, os líderes indígenas que passavam por Lima, para participar de congresso, conversas estas travadas em sua casa, por razões ligadas a dificuldade de locomoção de Mariátegui, e que forma decisivas na elaboração do texto seminal e atualíssimo, acerca do “problema do índio”, que faz parte dos *Siete ensayos*(Chang-Rodriguez, 1978)

⁵ Considerando, como coloca, Robert Paris(1978) que a palavra influencia uma espécie de escolha do sujeito e não algo que ocorreria de maneira osmótica, sem a intencionalidade daquele que se deixa influenciar.

não obstante a similaridade entre seu pensamento deva ser reconhecida.(Escorsim, 2005 e Ferreyra,2007) podendo ser atribuída a diversos fatores, entre os quais, claramente, a conjuntura política e contexto intelectual que compartilharam.Porem,aqui, vou debruçar-me, rapidamente,sobre outro periódico , editado na França entre os anos de 1919 e 1930, e que teve entre seus admiradores e assinantes, a figura de Mariátegui. Na minha avaliação, o periódico – também expressão do editorialismo programático de vanguarda – exerceu forte influencia sobre o projeto editorialista mariateguiano, em diversos sentidos.

Clarté foi o nome de uma grupo, e também de uma revista,editada em Paris, mas que circulou nos meios socialistas da Europa e de outros pais, em menor grau,coordenada inicialmente por Henri Barbusse.⁶ Os que conhecem a trajetória de Mariátegui certamente já escutaram que este quando chega em Paris e aí permanece por algumas semanas, entra imediatamente em contato com este senhor,de quem já lera o livro *El fuego*, um romance de guerra, como era chamado, de caráter pacifista e internacionalista,gênero comum no período posterior a primeira guerra Mundial.Além de ter conhecido a gráfica que estava a publicar o primeiro numero de *Clarté* , que em seus inícios era um pequeno Boletim, Mariátegui estreitou, com a visita, seu vinculo com Barbusse de forma decisiva, mesmo quando este se afastava de *Clarté*. A publicação era o ponto chave do grupo *Clarté*, ao redor do qual orbitavam uma serie de eventos e debates, expressando assim um processo de autonomização da esfera cultural, como coloca Fernanda Beigel. De forma descontínua e heterogênea, *Clarté* foi – assim como *Amauta*- um projeto estético- político, expressando de forma privilegiada as inovações e criações civilizatórias no âmbito estético, social e político. Nas páginas da revista (no caso de *Clarté*,sobretudo na forma Revista), a depender do período, a presença de caricaturas, xilogravuras e reproduções de obras de arte é constante, sendo estas não apenas ilustrações secundárias, mas imagens carregadas de conteúdos.O uso de fotografias é também, bastante frequente, em geral associado as matérias que tinham como objetivo informar os leitores e leitoras das verdades ocultadas pela imprensa burguesa, em especial , referentes ao processo revolucionários em curso na Rússia Soviética, e, depois, na China, que tiveram grande destaque ao longo da trajetória de *Clarté*. A presença de gravuras , desenhos, charges e xilogravuras de artistas como George Grosz,Lucien Lafargue, Franz Messerel, Mela

⁶ Um detalhamento deste tema esta presente em artigo específico(Tornquist, 2017)referenciado ao final.

Mutter, e, depois, dos surrealistas como Picasso, atestam a centralidade que as vanguardas estéticas tiveram na revista, aliadas às possibilidades concretas de sua reprodução gráfica. Eles expressavam a ferrenha crítica que desde o início a revista fazia ao nacionalismo “patético” dos países da Europa envolvidos na I Guerra, bem como ao setor financeiro, causadores de tragédias consideradas como contrárias ao processo de avanço da humanidade. A proposta original dos *clartéistas* era a de construir o que eles chamavam de uma *Internacional do pensamento*, da qual fazia parte a crítica contundente à Grande Guerra, à criação de um internacionalismo proletário e à construção de uma sociedade pautada no esclarecimento e na razão, de onde o nome Clarté é uma expressão bastante significativa. Esta idéia, decorrente do espírito iluminista e racionalista seria também usada pela revista para apoiar a revolução proletária em curso na Rússia, vista como um avanço civilizatório a servir de exemplo aos países ocidentais que haviam regredido do ponto de vista da Razão, às custas da tragédia da I Guerra.

Clarté também promovia a tradução de obras de outras línguas, especialmente das línguas russa, alemã, e inglesa,⁷ e neste sentido, assim como suas correlatas latino americana (entre as quais *Amauta*), o contato com outros editores ou grupos politicamente afinados com sua proposta, era de grande importância. Textos completos de Lenin, Trotski, Rosa Luxemburgo, entre outros, eram traduzidos em partes, na revista, por articulistas ligados ao grupo ou membros de seu comitê editorial, entre os quais deve-se citar e Madeleine Marx, que traduzia obras do alemão e do inglês e Victor Serge, que traduzia as obras do russo.⁸ como o comentários de livros, de outras revistas, de filmes, de eventos políticos e artísticos, nacionais e internacionais. Entre estes eventos, cabe destacar o processo revolucionário alemão, contexto no qual ocorre o assassinato de Rosa Luxemburgo, e, desde o seu segundo número, ainda como Boletim, o tema mais permanente de *Clarté*: a Revolução Soviética.

Clarté foi incansável em publicar artigos que apresentavam as conquistas e feitos da revolução soviética, além de artigos de análise destes processos., Publicou inúmeros testemunhos de viajantes cujo propósito era contrapor aos relatos anti-soviéticos que compunham o repertório da imprensa e da arte burguesa a época, como,

⁷ Nos primeiros anos, havia referências frequentes via artigos e anúncios de cursos do **esperanto**, considerado como língua internacionalista. a ser adotada por todos os que se identificavam com a crítica ao nacionalismo. Depois, o esperanto parece ceder à valorização da língua russa.

⁸ Cada um dos articulistas ou colaboradores da revista mereceria uma exposição mais detalhada para fins deste artigo, apenas faço referências genéricas.

alias, mostra Pericás, ao analisar os textos de Mariátegui sobre a Revolução Russa(Pericás, 2012, p.9) além de promover campanhas de solidariedade, através da arrecadação de recursos financeiros,que eram coletados em vários bairros e cidades onde havia atividades dos clartéistas, como ficaram conhecidos seus militantes. A revista era vendida em bancas e divulgada também em encontros que ocorriam sob a responsabilidade de seus articulistas ou editores,que ocorriam muitas vezes em teatros ou sindicatos,sobretudo na França, onde o grupo alcançou uma ampla adesão logo em seus inícios.

A revista tinha colunas permanentes de critica literária, e como também editava livros,a baixo custo, promovia permanentemente sua venda, em pacotes promocionais. Em momentos de maiores dificuldades financeiras, houve a inserção e publicidade de outras livrarias e editoras, incluindo promoções bastante criativas e concursos literários. As obras marxistas – incluindo as do próprio Marx – eram frequentemente divulgadas na revista,e expressamos espaços de circulação destas obras durante a década de 1920.

Um aspecto bastante delicado que desde logo se coloca a *Clarté* e também a *Amauta* será justamente o escopo ou a amplitude de seus princípios ideológicos, que levou, no caso de *Clarté*, a processos de conflito internos bastante fortes, situados ao redor da figura de Barbusse, e que envolve em um momento, uma proposta de fusão com o grupo dos surrealistas, em 1926, e, alguns anos depois, com o trostkismo, a partir de 1930(*La lutte de classes*).

No âmago destes conflitos, estavam duas questões o grau de amplitude ideológica e a relação com organizações políticas, em especial com partidos.Esta autonomia e independência tanto político partidária quanto do mercado esteve presente nas experiências que aqui analisamos.Algumas das polêmicas e desafios estiveram presentes nas próprias paginas dos periódicos, outras, não foram explicitadas, como sugere o historiador Alain Cuenot, que analisa as relações de *Clarté* com o partido Comunista Francês (*Cuenot, 2010*). Estas questões também estiveram presentes na experiência de *Amauta*, a apontam para problemas complexos, presentes também hoje no campo socialista.

Amauta - ponto fulcral de um projeto mais amplo

Amauta teve sua primeira publicação em 1926. Antes disto, Mariátegui já havia tido sua experiência como editor da revista *Claridad*, coordenada por Haya de La Torre, que precisou da ajuda de seu então companheiro Mariátegui, para assumir os encargos de edição da Revista (cuja filiação à revista francesa era explícita), face ao seu exílio no México. Assim, Mariátegui assume a coordenação da revista em 1923, logo de seu retorno ao Peru, e leva a cabo sua missão até o número sete, da revista, como editor interino. Do total de sete números, Mariátegui responsabilizou-se por três, o que é demasiado significativo, ainda mais considerando a ruptura que ocorrerá, logo a seguir, entre os dois companheiros, em função de divergências em relação à frente anti-imperialista e à análise sobre a realidade peruana e latino-americana que embasava tal proposta.

Amauta correspondeu a um dos projetos editoriais, capitaneado por José Carlos, englobados na Libreria Minerva, e que contou com apoio decisivo – aporte financeiro – de seu irmão, que importou o equipamento da Europa, facilitando assim, os trabalhos de impressão das revistas Amauta e Labor.

Amauta era uma revista de arte e política, dirigida a um amplo público, esquerdista, de orientação socialista. Trazia temas variados, e pretendia contribuir com a constituição de uma nova sensibilidade (ligada à ideia que Fernanda Beigel expõe, acima referida, como sendo típica do editorialismo programático de vanguarda). Todavia, é importante ressaltar que ao mesmo tempo em que Amauta era editada, Mariátegui seguia atuando como articulista das outras revistas importantes do Peru, em particular, *Mundial*, na qual publicava vários artigos de grande relevância, e muitos deles no mesmo tom de debate com outros intelectuais daquele momento, e, ainda, inicia a publicação de *Labor- quincenario de informacion e ideas*, que tinha a pretensão de ser um periódico diário, destinado de modo particular à classe operária, organizada desde 1929 na CGTP, que ele próprio ajudara a criar, em maio deste ano. Labor era considerado o complemento de Amauta, tendo contado com dez números quinzenais, entre novembro de 1928 e setembro de 1929⁹. Nela se encontram artigos de caráter internacional, traduções de textos, referências à *Clarté*, artigos referentes ao

⁹ Conforme TAURO, Alberto. *Labor, complemento de Amauta*. Edición Fac símile, Lima, Empresa Editora Amauta, 1995.

indigenismo, e também ilustrações e gravuras de artistas peruanos, mexicanos, europeus.

A primeira edição de Amauta acontece em setembro de 1926, e conta desde o início colaboração decisiva de Jose Sabogal, representante do indigenismo estético, que incluiu uma serie de outros (e outras) artistas que encontraram em Amauta um importante espaço de expressão e divulgação. UM rápido folhear pelas paginas da revista, em suas edições fac-similes, publicadas depois dos anos de 1980, mostram o vigor deste indigenismo estético, pulsante nas paginas e nas capas de Amauta.

A escolha do nome Amauta esteve, obviamente, ligada à importância que a presença indígena já tinha nas reflexões de Mariátegui, e a escolha da obra de Sabogal, de mesmo nome, como insígnia-mestra, além do nome, e que foi prontamente associada à figura de Mariátegui (El amauta, líder, em idioma quéchua).

A revista teve 30 números, e foi editada entre 1926 e 1930. A morte precoce – embora não surpreendente – de Mariátegui, em 1930, suspendeu este precioso trabalho, demonstrando a centralidade que sua pessoa tinha neste projeto.

Monica Brukman (2012), partindo da constatação de que o marxismo “aberto” de Mariátegui teve em Amauta, uma de suas mais completas expressões, fez um exaustivo levantamento das matérias que foram publicadas em Amauta, classificando-as por áreas temáticas. Ela concluiu que os artigos na área de arte e literatura compuseram 41 % destes 30 números, ao passo que as resenhas ocuparam 15 % . Os demais temas não tiveram tanta expressão em Amauta, contrastando com o conjunto da obra de Mariátegui, que dedicou grande espaço (e o *melhor de seu sangue*, como ele gostava de dizer), a temas políticos como a revolução, o internacionalismo, a organização sindical, as condições de vida da classe trabalhadora e dos indígenas. Até mesmo o indigenismo, tema central na proposição de socialismo indo-americano, pelo qual Mariátegui ficou conhecido, como destacamos antes, ocupou apenas 4 % das matérias escritas de Amauta, não obstante uma análise das ilustrações elevaria, certamente, este percentual.

No que tange à arte, destaca-se o espaço dado à poesia (281 artigos) e à literatura(254), seguido pela pintura(71) e pelo cinema(41) (Bruckman, 2012).

Segundo a autora:

La revista Amauta se destacó por la amplitud de su temática. El interés por dar contenido al estudio y debate sobre el mundo contemporáneo no encontró restricciones en ninguna disciplina del quehacer humano. Sus páginas acogen con igual interés y extensión artículos sobre los nuevos elementos del folklore peruano como escritos de filosofía y psicoanálisis. (Bruckman, 2012, p.65).

Como sublinhado acima, Mariátegui teve papel fundamental na divulgação direta do movimento surrealista, na América latina, tendo traduzido, por exemplo, a famosa *enquete sobre sexualidade*, que marcou época por conta da (pretensa ou suposta) ousadia de seus questionamentos e pressupostos, bem como artigos importantes sobre o feminismo (A mulher e a política e As reivindicações feministas) e sobre psicanálise. Cabe destacar, como coloca Sara Beatriz Guardia (2009) a notável presença de autoras, poetas, artistas e escritoras nas páginas de Amauta e a interlocução com mulheres como Dora Mayer de Zuelen(indigenista que escreve com regularidade em Amauta) no processo de construção de seu projeto político, estético e editorial.

Como assinalado acima, a amplitude das temáticas colocadas em cena pelo editorialismo Mariáteguiano deve ser, ainda, pensado em termos de um projeto que ultrapassa a revista Amauta, propriamente dita. Ela fazia parte de um projeto editorial e político bem mais amplo, que inclui o debate realizado em outras revistas do campo socialista ou, simplesmente, progressista (como Mundial e Variedades onde Mariátegui escreveu com bastante frequência), além de Labor, Claridad, em seus respectivos tempos, e, ainda, as demais participações de Mariátegui no espaço político socialista, em especial aqueles situado no interior das organizações sindicais e partidárias que ele ajudou a fundar. Neste sentido, destaca-se a importância que adquiriu, de imediato, e pelo próprio autor, o prefácio ao livro de Luiz Valcárcel (*Tempestad en los Andes*)¹⁰, no qual Mariátegui reitera a centralidade do indigenismo para pensar a realidade latino americana, e que foi enviado pelo próprio Mariátegui

¹⁰ Este prefácio pode ser lido em LOWY, Michael (2001).

ao editores de *La lutte de classes*, apesar de ter sido praticamente desconsiderado pelos editores da revista sucessora de *Clarté*.¹¹

Os impactos da revolução russa se fizeram, rapidamente, sentir também sobre o pensamento de Mariátegui. O período em que esteve na Europa contribuiu para este processo, provavelmente, e manifestou-se, claramente, em artigos específicos dedicados ao tema, como mostra o trabalho de Pericás(2012) que organizou-os em uma publicação específica, recentemente. São praticamente 50 artigos, reunidos pelo autor brasileiro, escritos por Mariátegui, diretamente relacionados à Rússia soviética. Alguns deles foram escritos em solo europeu; outros, no Peru, e publicados entre 1920 e 1929, nas revistas *Mundial* e *Variedades*(ambas editadas em Lima), e no seu livro, de 1925, *La escena contemporânea*. Estes artigos atestam a importância e o impacto que a revolução soviética exerceu sobre *El Amauta*, e que foi compartilhada de imediato com seus leitores.¹² É importante sublinhar que a surpresa da revolução russa, ocorrida em um país situado fora do eixo ocidental e dos países centrais, promoveu abalos importantes na teoria marxista daquele período, estando na base das reflexões promovidas pelos marxistas italianos, com quem Mariátegui conviveu e interagiu fortemente:

La revista *Amauta* se constituyó en un espacio privilegiado de debate de los grandes temas que marcaran um momento histórico que a fines del siglo XIX y principios del siglo XX se debatía entre el capitalismo como modo de producción hegemónico y el socialismo como proyecto revolucionario que sacudía las bases de la sociedad europea y encontraba en Rusia soviética su mas claro ejemplo de viabilidad. (Bruckman, 2012, p.64.)

Não obstante a positividade com que a abertura ou pluralismo temático e ideológico possa, hoje ser saudada, é preciso assinalar que esta característica foi vista a sua época, como ponto de fragilidade ideológica e programática. Um dos mais destacados críticos contemporâneos a Mariátegui- e seu interlocutor- Jose Sanchez, questionava o lugar que Mariátegui dava a questão do indígena (na polemica citada anteriormente, acerca da excepcionalidade latinoamericana), a qual não parecia em nada estranha a Mariátegui, convencido que estava quanto a centralidade da questão

¹¹ O editor chefe, a época, Pierre Naville, parece ter simplesmente ignorado o envio do livro, acompanhada de carta, feito por Mariátegui(Tornquist, 2017)

indígena, tanto pela sua magnitude demográfica (três quartos da população peruana é indígena, colocava ele em seus textos, apoiado nos dados do censo *realizado no final do século XIX*, e, mais, ainda pela persistência da tradição comunitarista dos indígenas, expresso claramente no *ayllu*, forma comunitária de produção indígena, remanescente dos tempos do *Tawantisuyo inca* apesar das pressões do gamonalismo e da república.

Sanchez também questionava o ecletismo da revista *Amauta*, publicando artigos em que criticava a orientação ideológica excessivamente ampla e pouco relacionada aos objetivos programáticos da revista. Como foi o caso de artigo publicado na revista *Mundial*, ao qual responde Mariátegui, em *Amauta*, também em 1927, dizendo o seguinte:

Amauta ha publicado artículos de índole diversa porque no es solo una revista de índole social, económica, política, etc, - sino también una revista de arte y literatura. La filiación o posición doctrinal no nos preocupan, fundamentalmente sino en el terreno doctrinal. En el terreno puramente artístico, literario, y científico, aceptamos la colaboración de artistas, literatos, técnicos, considerandno solo su mérito respectivo, si no tiene una posición militante em outro campo ideológico.(...) Amauta tiene demasiada para inquietarse por La fortuita presencia de una Idea o un sentimiento heterodoxo en sus paginas. Es una revista de definición ideológica de concentracion izquierdista, que asimila o elimina, seguramente, sin dano para su salud, cualquier elemento errante. (...) estamos todos los dias dispuesto a confrontar nuestros puntos de vista con los afines y con los próximos. Amauta, por su parte, em cuanto concierne a os problemas peruanos, ha venido para inaugurar y organizar um debate, nó pra clausurarlo. Es un cominezo y no un fin. Yo, personalmente, traigo a este debate mis proposiciones. Trabajaré, por supuesto, porque prevalezcan, pero me conformaré con qué influyan – em la acción, en los hechos, prácticamente- en la medida de su coincidência con el sentimiento de mi generación y com ritmo de la historia.¹³

Neste mesmo número, Mariátegui traz a seguinte reflexão, acerca da função da polémica e do debate no processo de construção de um programa revolucionário, partir das críticas de Luis Alberto Sanchez:

¹³ Mariátegui. *Polémica finita*. In: *Amauta* 7, marzo de 1927, p.6.

*Que se constraste, que se conforme dos puntos de vista, no quiere decir que se los adopte. La crítica, el examen de una idea o hecho, requieren precisamente, esa confrontacion, sin la cual ningun seguro criterio puede elaborarse. Las tendencias o los grupos renovadores no tienen todavia un programa cabalmente formulado ni uniformemente aceptado. Como he escrito, polemizando con Cesar Falcon, mi esfuerzo no tiende a imponer un criterio, sino a contribuir com su formación. Y debo recordar a (Luis Alberto) Sanchez, un programa no es anterior a un debate sino que posterior a él.*¹⁴

Esta polemica, acerca do que pode e deve ser um projeto editorial revolucionário me parece ser muito atual e, portanto, alvo de nossa atenção.

¹⁴ In intermezzo politico, publicado en Amuata n 7, marzo de 1927(como réplica a Mundial de febrero de 1927) bajo El titulo “Indigenismo y socialismo”.

Referências Bibliográficas

BEIGEL, Fernanda. *El itinerário y La Brújula. El vanguardismo estético-político de José Carlos Mariátegui*. Editorial Biblios, Buenos Aires, 2003.

_____. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. In: Utopía y praxis Latino americana. Universidad de Zulia, Maracaibo, Venezuela, año 8., n 20, marzo de 2003, p. 105-115.

BRUCKMAN, Mónica. José Carlos Mariátegui, la Revista Amauta y el pensamiento marxista latino-americano. *Comunicação e Política*. vol. 30, n.3, set. dez. 2012, p.54-73.

CHANG-RODRIGUEZ, Eugenio. *Poética e ideologia en Jose Carlos Mariátegui*. Jose Porrua Turanzas editores, Madrid, 1983.

ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: vida e obra*. São Paulo, Expressão Popular, 2005.

FERREYRA, Silvana, José Carlos Mariátegui y la Internacional Comunista: Reconstrucción de um vínculo complejo. *Nuevo Topo: Revista de historia y pensamiento Critico*. Buenos Aires, abril-mayo de 2006, p 7-30.

GUARDIA, Sara Beatriz. *José Carlos Mariátegui*. Una vision de género. Lima, 2006.

LOWY, Michael. *O marxismo na América latina*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

PARIS, Robert. Un sorelismo ambíguo. in: ARICÓ, José(org.) *Mariátegui y los orígenes del marxismo en la américa latina*. Ciudad de Mexico, Siglo veinteuno 1978.

PERICÁS, Luis. *Jose Carlos Mariátegui*. Revolução russa. História, política e literatura. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

_____. José Carlos Mariátegui e o Brasil. *Estudos Avançados* 24(68), 2010, p.335-362.

TAURO, Alberto. *Labor, complemento de Amauta*. Ediccion Fac símile, Lima, Empresa Editora Amauta, 1995

TORNQUIST, Carmen Susana. Las relaciones entre Amauta y Clarté- anotaciones de pesquisa. Utopía y praxis Latino americana. Universidad de Zulia, Maracaibo, Venezuela, año 22. n 77, junio de 2017, p. .